LIVRARIA BRASÍLIA
Rua da Misericórdia, 79
Tel. 2 0320 — LISBOA

257,

MAXIMAS

E

SENTENÇAS MORAES.

La Rochefoucauld estudou, como ninguem até hoje, os segredos do coração humano.

PARIZ. — TYPOGRAPHIA DA BEAULÉ,
Rue François Miron, 8.

MAXIMAS

E

SENTENÇAS MORAES,

PELO DUQUE

DE LA ROCHEFOUCAULD,

TRADUZIDAS DO FRANCEZ

PELO Dr CAETANO LOPES DE MOURA,

NATURAL DA BAHIA,

Traductor das Obras de Walter Scott, Cooper, etc.

BIBLIOTECA MUNICIPAL
"CYRGENES LESSA"
Tombo Nº 27.422
MUSEU LITERÁRIO

PARIS,

NA LIVRARIA PORTUGUEZA DE J. P. AILLAUD,

11, QUAI VOLTAIRE.

1840.

MAZIMAS

E

SENTENÇAS MORAES.

1.

Isso a que chamâmos virtude, bem vezes não é mais que uma serie de acções boas e proveitosas, mero effeito do acaso ou de nossa industria: assim que', não é sempre o valor o que faz os homens valerosos, nem a castidade o que faz as mulheres castas.

2.

Náo ha maior lisongeiro que o amor proprio.

3.

O amor proprio é um paiz incognito,

onde, por mais descobrimentos que se tenhão feito, sóbra ainda muito que descobrir.

4.

Por mais engenhoso que um homem seja, não o póde ser tanto, como o amor proprio.

5.

Está tão pouco em nossas mãos a duração de nossas paixões, como a de nossa vida.

6.

A paixão torna ás vezes doudo o mais cordato, e outras, cordato o mais doudo.

7.

Querem os politicos que as acções, que dão brado, sejão o resultado de profundas reflexões; não é assim: as mais dellas nascem das paixões, ou disposição particular do espirito: assim que, a guerra, que entre Augusto, e Antonio houve, talvez não fosse uma consequencia da ambição do supremo

mando, como geralmente se crê, mas sim um puro effeito da emulação e da inveja.

8.

Os unicos oradores, que nunca deixão de persuadir, são as paixões, porque fallão segundo a natureza, e as regras desta são infalliveis. O mais eloquente orador estando desapaixonado persuade menos, que qualquer homem rude dominado d'uma grande paixão.

9.

As paixões não se governão pela razão, mas sim pelo proprio interesse, e por isso corremos risco todas as vezes que a ellas nos abandonâmos. De todas devemos arrecearnos, com quanto algumas nos parcção ajustarem-se com a razão.

10.

Encerra em si o coração humano uma geração de paixões que nunca se apaga; extincta

uma, nasce immediatamente outra em seu lugar.

11.

De certas paixões originão-se ás vezes outras, que lhes são diametralmente oppostas : assim a avareza traz após si em alguns casos a prodigalidade, como a prodigalidade a avareza ; assim, quanto mais fracos somos, tanto mais fortes nos mostrâmos, e quanto mais timidos, tanto mais atrevidos.

12.

Por mais estudo que ponhâmos em embuçar nossas paixões no manto da honra, e da religião, nunca chegámos a occultál-as de modo que não se vejão

13.

Doe-se menos o amor proprio de ser contrariado em seus gostos, do que em suas opiniões.

14.

Não só são os homens sujeitos a perder a memoria dos beneficios, e injurias, senão que tomão ás vezes odio aos que os beneficiárão, e deixão de o ter aos que os ultrajárão. O cuidado que é mister que tenhão para pagar o bem com o bem, e o mal com o mal, parece-lhes uma sujeição, com a qual difficilmente se amoldão.

15.

A clemencia dos principes ás vezes se reduz a um mero systema politico, encaminhado a conciliar o amor dos povos.

16.

Esta clemencia, que anda em foro de virtude, umas vezes nasce da vaidade, outras da indolencia, ameúde do temor, e quasi sempre de todas estas cousas juntas.

17.

A moderação e comedimento de que

muitas pessoas dão exemplo na prosperidade, provèm quasi sempre da serenidade, e bom humor que de ordinario acompanhão a boa fortuna.

18.

Consiste a moderação no receio, que temos de despertar contra nós a inveja, ou de incorrermos no discredito de que são dignos aquelles a quem a prospera fortuna desatina; é uma vãa ostentação da fortaleza de nosso animo, e essa de que fazem alardo os homens no cume da grandeza é um mero desejo de parecerem superiores á sua propria elevação.

19.

Todos se sentem com forças para supportar os males, quando estes carregão sobre outrem.

20.

A constancia do homem sisudo é a arte

de reconcentrar no amago do peito a turvação, que n'outros sae á cara.

21.

A serenidade d'alma, e o desprezo da morte, que por vezes affectão as pessoas ao ultimo supplicio condemnadas, nasce do temor que ellas tem de ver de cara á cara a morte; assim que, vem esta serenidade e desprezo a fazer em sua alma o mesmo, que lhes faria nos olhos qualquer venda.

22.

Triumpha facilmente a filosofia dos males passados, e presentes; porém os futuros triumphão della.

23.

Poucos são os homens que tem uma idea exacta do que é a morte: de ordinario não nos sujeitâmos a ella por determinação propria, mas sim por estupidez, e por costume, e muita gente morre, por isso que não está em sua mão o não morrer.

24.

Quando os grandes homens succumbem a aturadas desgraças, bem dão a ver que as supportavão mais por ambição, que por firmeza de caracter: de sorte que prescindindo da vaidade, que n'elles é desmarcada, os herocs em nada se differenção dos outros homens.

25.

De mór virtude ha mister o homem na boa, que na má fortuna.

26.

Duas são as cousas, que se não podem olhar com olhos fitos, o sol, e a morte.

27.

Fazem os homens gala de suas paixões, ainda mesmo d'aquellas, que estão parede em meio com o crime; mas não assim da inveja, por ser esta um sentimento baixo, que todos procurão occultar.

28.

A paixão do ciume tem certos visos de razão, e de justiça, pois se encaminha á conservação da posse d'um bem, que real, ou apparentemente é nosso; outro tanto se não póde dizer da inveja, a qual consiste na cobiça desmarcada do bem alheio.

29.

Menos perseguições, e odios nos grangeão as más acções, que fazêmos, do que as virtudes, que possuimos.

30.

Sobeja-nos as mais das vezes a força, e fallece-nos a vontade; é pois uma mera desculpa nossa o dizermos que tal ou tal cousa é impraticavel.

31.

Se não tivessemos defeitos, não folgariamos tanto em os descobrir nos outros.

32.

O ciume apascenta-se de duvidas e receios, e sobe ao auge de furor, ou fenece, quando estes se convertem em realidade.

33.

A soberba paga-se por suas proprias mãos, e não consente lhe fiquem devendo nada, ainda mesmo nas occasiões que se acha desacompanhada da vaidade.

34.

Porque somos soberbos, por isso estranhâmos que os outros o sejão.

35.

Tem os homens em geral a mesma porção de soberba, a unica differença, que a este respeito se observa provèm do diverso modo e theor, por que a manifestão.

36.

Parece que a natureza, que ordenou todos os diversos órgãos de nosso corpo de modo a

fazernos felizes, de industria nos quiz dar a soberba para poupar-nos a magoa, que de nossos imperfeições deviamos ter.

37.

Nas reprehensões, que damos aos que erão, tem a soberba mais parte, que a bondade, e não os reprehendemos para que se emendem, mas sim para persuadir-lhes que somos irreprehensiveis.

38.

No prometter havemo-nos segundo nossas esperanças, no cumprir, segundo nossos temores.

39.

O interesse falla todas as linguas, e representa todos os papeis sem exceptuar o do proprio desinteresse.

40.

Produz o interesse nos homens effeitos contrarios; a uns cega, a outros abre os olhos.

41.

Tornão-se ordinariamente inhabeis para as cousas grandes os que se applicão mais do devido ás pequenas.

42.

Falta-nos a quasi todos as forças, de que teriamos necessidade para seguir os dictames de nossa razão.

43.

Cuida o homem, que se governa, sendo que é governado: ao passo que a razão o leva para uma parte, empuxa-o imperceptivelmente a vontade para outra.

44.

O que chamâmos firmeza ou fraqueza de caracter não são outra cousa mais, que a boa ou má disposição de nossa compleição.

45.

Os caprichos de nosso bom ou mao humor são muito mais desarrazoados, que os da fortuna.

46.

O apego, ou indifferença, que os filosofos pela vida mostravão nada mais erão, que uma mera velleidade de seu amor proprio; e altercar sobre isso seria o mesmo que disputar sobre os sabores, e cores.

47.

Os favores da fortuna tem o preço, que lhes dá nosso capricho.

48.

A felicidade consiste no apreço, que das cousas fazemos, e não no que ellas por si mesmo são. Somos felizes por isso que estamos de posse da cousa amada, e não porque os outros a achem em si mesmo amavel.

49.

Nunca a felicidade, ou desgraça é tão grande, como de ordinario costumâmos imaginar.

50.

Os homens, que se tem em conta de benemeritos, tomão por ponto viverem na pobreza, e desvalia, para persuadirem aos mais e talvez a si mesmos, que são dignos de serem postos por alvo aos tiros da fortuna.

51.

Nada pode contribuir tão efficazmente a attenuar a opinião, que de nós mésmos temos, como o ver que approvamos hoje o que hontem desapprovavamos.

52.

Por mais disparidade, que se encontre nas condições, e fornas dos homens, os bens e males da vida por tal modo se compensão, que afinal vem todos a serem iguaes.

53.

Por muito liberal que seja com os homens a natureza, muito faz a fortuna pondo-se da parte d'esses a que chamamos heroes.

54.

O desprezo das riquezas, de que fizerão alardo os antigos filosofos, nada mais era, que um secreto desejo de desaffrontar o proprio merito das injustiças da fortuna, desprezando os bens que ella lhes negára; um methodo novo de eximir-se da desestima, que anda annexa á pobreza; uma vereda, que os levava á consideração e respeito, que não podião conseguir por via das riquezas.

55.

A má vontade, que aos privados dos principes mostramos, nasce do muito que cobiçamos a privança. O desprezo, que testemunhamos aos que estão no lôgro della, diminue e mitiga em parte o desprazer que temos de não nos poder pôr em seu lugar, e obstinamo nos em faltar-lhe com a reverencia, por iso que não podemos despojal'os d'aquillo que lhes grangea a da maior parte da gente.

56.

Para entabolarmos-nos em credito, fazemos quanto em nós cabe, para que nos tenhão por acreditados.

57.

Dado que os homens tenhão em muito seus bons acertos, os mais d'elles, longe de serem a consequencia d'um bom raciocinio, são quasi sempre um mero effeito do acaso.

58.

Dir-se hia que nossas acções estão sujeitas á influição d'uma boa ou má estrella, e que desta influencia depende o vituperio, ou louvor, que com ellas grangeâmos.

59.

Não ha acontecimento tão máo, de que o homem prudente não tire algum proveito, nem tão bom, que o imprudente não possa converter em damno seu.

60.

A fortuna encaminha os acontecimentos á felicidade de seus afilhados.

61.

A boa, ou ma aventura dos homens não depende menos de seu genio, que da fortuna.

62.

Para que podessemos prometter com certeza, que nos haviamos de haver por esta ou por aquella maneira no porvir, seria mister que nos afiançassem, que nosso estado de fortuna havia de ser o mesmo na epoca determinada.

63.

A sinceridade é certa effusão de coração que em bem poucos pessoas se encontra: essa, que vulgarmente observâmos, não é mais, que uma refinada dissimulação, encaminhada a ganhar a confiança dos outros.

64.

A aversão, que á mentira professâmos, é em algumas occasiões a ambição de tornar recommendavel quanto dizemos, e de fazer que nossos discursos sejão tidos em conta d'outros tantos evangelhos.

65.

Muito se tem engrandecido com louvores a prudencia; porém por mais preciosa que seja esta virtude, bem pouco ou nada influe de ordinario nos succedimentos, e não é de espantar, sendo que ella se exercita na cousa mais mudavel que ha no mundo, qual é o homem.

66.

Todo o homem sisudo deve registrar seus interesses, e ordenál-os methodicamente: a demasiada cobiça, pondo-os em desordem, faz que corramos ao mesmo tempo após muitas cousas, e por isso que com excessivo

ardor ambicionâmos as de menor valor, esquecemo-nos das mais essenciaes.

67.

A gentileza está na mesma razão, pelo que diz respeito ao corpo, que o siso no concernente ao espirito.

68.

Difficil cousa é por certo o definir o amor; quanto a este respeito se póde dizer vem a ser: que n'alma é uma paixão de dominar; na vontade uma especie de sympathia; no corpo um desejo secreto e delicado de possuir, no cabo de mais ou menos deligencias, o objecto, que nos rendeo o coração.

69.

Se ha outro amor mais puro, despido de interesse e de qualquer outro affecto, esse fica sempre escondido nas intimidades do coração por tal maneira, que nem por sombras o suspeitâmos.

70.

Quando existe amor não ha manto que possa encobril-os, nem no caso contrario meios de fingil-o muito tempo.

71.

Como não está em nossas mãos o amar ou deixar de amar, não tem razão o amante de se queixar da pouca fidelidade de sua amada, nem esta de lastimar-se da inconstancia d'aquelle.

72.

Raros são aquelles que, em chegando adesamar, não tenhão pejo de ter amado.

73.

Se julgassemos do amor sómente por alguns dos seus effeitos, diriamos que mais parentesco tem com o odio, do que com a amizade.

74.

Não faltão mulheres, que tenhão sido ga-

lanteadas, mas é difficil achar-se uma, que o tenha sido uma só vez.

75.

O original do amor é um só, as copias muitas.

76.

O amor lavra como fogo, e apaga-se, logo que lhe falta seu alimento, que são a esperança, e o temor.

77.

O verdadeiro amor póde-se comparar com as apparições de cousas d'outro mundo: todos nellas fallão sem as terem visto.

78.

Em nome e á sombra do amor fazem-se diversos traficos, em que dizem que elle vai de parçaria; sendo certo que tanto entra elle n'elles, como o Doge nos que se fazem em Veneza.

79.

Talvez que o amor da justiça não seja no vulgo dos homens outra cousa mais, que o temor da injustiça.

80.

A justiça de grande parte dos julgadores provèm do desejo de sua propria illustração.

81.

Desapprovâmos a injustiça, não por aversão, que lhe tenhamos; mas sim pelo prejuizo que della nos póde resultar.

82.

O silencio é o alvitre mais sensato, que seguir deve quem de si proprio se arreceia.

83.

O que nos faz ser tão pouco constantes em nossas amizades é o ser tão difficil o conhecer as boas qualidades d'alma, como facil o descobrir as do corpo.

84.

Isso que entre os homens anda em foro de amizade não é mais que uma mera sociedade, uma correlação de interesses, uma reciprocidade de obsequios, n'uma palavra uma especie de commercio, no qual nosso amor proprio pretende lucrar sempre alguma cousa.

85.

Congraçâmo-nos com nossos inimigos unicamente, porque por esse theor, nos lisongeâmos de melhorar de condição: assim que a reconciliação é uma especie de suspensão d'hostilidades, effeituada em razão do cançaço, e do receio de algum revez.

86.

Quando estamos cançados de amar, folgâmos que nos faltem com a fé devida, afim de nos vermos desobrigados de guardar a nossa.

87.

É mais vergonhosa acção desconfiar dos

amigos, do que deixar-se enganar d'elles.

88.

Acontece ás vezes que imaginâmos amar quem tem mais poder que nós; sendo que na verdade isso a que chamâmos amizade nada mais é, que puro interesse. Não o cortejâmos por isso que temos desejos de ser-lhe uteis; mas sim porque esperamos que elle nos seja.

89.

A desconfiança que a outrem mostrâmos de certo modo o authoriza a enganar-nos.

90.

Como é que pretendemos que outrem nos guarde o segredo que lhe confiámos, se nós mesmos o não podémos guardar?

91.

O amor proprio engrandece, ou attenua as boas qualidades de nossos amigos segundo o gráo de prazer, que nos causa sua pre-

sença, de sorte que julgâmos de seu merito pela maneira com que se hão comnosco.

92.

Todos se queixão da falta de memoria; ninguem porém da de juizo.

93.

Os que dão mór pressa aos outros são de ordinario os mais vagarosos: como tenhão satisfeito a sua perguiça, desejão inculcar-se por deligentes.

94.

A mais desmarcada ambição não dá de si signal algum, quando se acha na impossibilidade absoluta de correr por seus projectos avante.

95.

Desenfatuar quem de seu proprio merito está persuadido é fazer-lhe o mao officio que fizerão a esse doudo d'Athenas, que imaginava serem seus, quantos navios entravão no porto.

96.

Folgão os velhos de dar bons conselhos para alliviar por este modo o pezar que os acompanha de não se acharem já em estado de dar maos exemplos.

97.

Um nome illustre em vez de exaltar deprime e avilta aquelle que não o sabe sustentar.

98.

O signal d'um merito transcendente consiste no louvor que a seu pezar lhe dão os mesmos que o invejão.

99.

Nada dá a conhecer mais claramente a frouxidão de nossa amizade, como o pouco que nos affligimos com a dos amigos.

100.

Errárão os que disserão que o entendimento e o juizo erão cousas differentes. O

juizo não é mais que uma perspicacia e clareza de entendimento, que faz que em vez de parar na codea das cousas, penetrâmos na substancia dellas, notâmos quanto é para notar, sem que nos escapem os pontos mais imperceptiveis: a esta perspicacia, e clareza de entendimento devemos attribuir os effeitos, que até aqui forão lançados á conta do juizo.

101.

Não falta quem diga bem de seu coração, porém raro é aquelle que ousa dizer outrotanto de seu entendimento.

102.

A cultura do entendimento consiste em pensar em cousas honestas e delicadas, e a discrição em dizer d'um modo agradavel cousas, que lisongeão.

103.

Acontece muitas vezes que certas cousas se

nos pintão na fantasia muito mais acabadas e perfeitas, do que o poderiamos fazer com muitissima arte.

104.

Cai de ordinario o entendimento nas ciladas, que lhe arma a vontade.

105.

Nem todos os que sabem quanto tem no entendimento, conhecem quanto hospedão no coração.

106.

Cada homem, negocio, ou cousa tem sua perspectiva particular : umas querem ser vistas de perto, outras só de longe se podem avaliar.

107.

Não devemos ter por arrezoado aquelle que por acaso acerta com a razão, mas sim o que a conhece, distingue e com ella folga.

108.

Conhecemos uma cousa a fundamento, quando sabemos todas as particularidades della; ora como estas sejão infinitas, nossos conhecimentos devem ser necessariamente superficiaes, e imperfeitos.

109.

O que não é de seu natural não se finge muito tempo.

110.

Os mancebos são inconstantes em seus gostos em razão da effervescencia do sangue, e os velhos tenazes nos seus em consequencia do habito.

111.

De nada somos mais liberaes, que de conselhos.

112.

O amor que a uma mulher temos, em sendo extremo, não está mui longe do odio.

113.

Com a velhice os defeitos moraes tornão-se mais apparentes pelo mesmo theor que os senões do rosto.

114.

Ha casamentos bons, porém não consta que haja um só que não seja acompanhado de algum dissabor.

115.

Agastamo nos quando nossos inimigos nos enganão, e quando nossos amigos nos atraiçoão, porém se o engano, e traição vem de nós mesmos, com ambos folgâmos.

116.

Tão facil é enganar-se um homem a si mesmo sem o saber, como difficil o enganar a outrem sem que elle o entenda.

117.

E raro que o aconselhado, e o aconselhador sejão sinceros: o primeiro finge que faz grande

caso do parecer de seu amigo, sendo que na verdade o que elle pretende é fazêl-o adoptar o seu, e tornál-o responsavel de suas acções; e o segundo paga a confiança que nelle ha posto o amigo com um zelo ardente, e desinteressado, posto que as mais das vezes aconselhando-o ponha o fito no interesse, e gloria, que d'ali lhe póde vir.

118.

Requinta em astucia aquelle que tem a industria de fingir que cai no laço, que lhe outrem arma; que nunca nos deixâmos enganar com mais facilidade, do que quando ordenanâmos de enganar os outros.

119.

Quem faz proposito de nunca enganar corre grande risco de ser enganado.

120.

Tão acostumados andamos a encobrir aos outros os nossos sentimentos, que ás vezes a nós mesmos os occultamos.

121.

Atraiçoâmos aos amigos mais por fraqueza, que por vontade, e má tenção.

122.

Muitas vezes obrâmos bem, para ao depois podermos a nosso salvo obrar mal.

123.

Resistimos ás paixões, não por que tenhamos muita força, mas sim porque ellas trazem pouca.

124.

Se não houvera lisonja, talvez tambem não houvesse isso a que chamâmos prazer.

125.

Os artificiosos desdenhão dos artificios, porque esperão valer-se delles em alguma grande occasião, e por cousa de grandissimo interesse.

126.

O mais certo indicativo d'um animo apou-

cado consiste em haver-se um homem em tudo com dobrez; aquelle que assim obra, para cobrir os pés, descobre a cabeça.

127.

A cavillação e dobrez nascem da falta de capacidade.

128.

O meio mais certo de cair em algum lôgro é cuidar um homem que tem mais siso, que os outros.

129.

A demasiada sagacidade é uma falsa délicadeza, e a verdadeira delicadeza uma prudente sagacidade.

130.

O menor defeito das mulheres que se dão ao namoro, é o proprio namoro.

131.

A's vezes um homem rude, por isso que o é, escapa ás ciladas do mais arteiro.

132.

O unico defeito que não tem emenda é o da fraqueza d'animo.

133.

É mais facil haver-se um homem prudentemênte para com os outros, que para comsigo mesmo.

134.

Os homens mais prudentes costumão sêl-o nas cousas indifferentes; mas não, nas de importancia.

135.

A mór loucura nasce da mór sabedoria.

136.

A sobriedade provèm do muito amor, que temos á saúde, ou da impossibilidade em que nos achâmos de comer com demasia.

137.

As melhores copias são as que nos fazem ver os defeitos dos máos originaes.

138.

Menos ridiculos somos pelas qualidades que temos, que por aquellas que fingimos ter.

139.

Tão indifferentes somos ás vezes no concernente a nós, como no que diz respeito aos outros.

140.

Pessoas ha que nunca terião tido amores, se nunca nisso tivessem ouvido fallar.

141.

Se a vaidade nos não descerrára a boca, raras vezes fallariamos.

142.

Uma das razões por que são tão raras as pessoas, que nos parecem sensatas e d'uma pratica saborosa, é o serem mui poucas aquellas que pensão no que pretendem dizer, antes do que em responder adequadamente

ao que se lhes diz. As mais habeis, senão as mais condescendentes, tratão unicamente de fingir que escutão com attenção o que lhes dizem, ao passo que lhes transluz nos olhos a maior desattenção que dar-se póde, e a pressa com que estão de enfiar na pratica o que tinhão no pensamento, sem ponderarem, que o meio menos seguro de agradar aos outros e de persuadil-os é o esmerar-se tanto em agradar a si mesmo, e que prestar attenção e responder acertadamente ao que se diz é o em que consite o primor da arte da conversação.

143.

Se não fôra o haver no mundo tantos nescios, ver-se hião bem enleiados os homens de talento.

144.

Asseverâmos ameúde que não nos anojâmos de estar só, porque por vaidade não

ousamos confessar que somos enfadonhos.

145.

Assim como é proprio dos homens de grande engenho dizer muito em poucas palavras, assim tambem é da natureza daquelles, que delle fallecem, fallarem, muito e não dizerem nada.

146.

Engrandecemos as boas qualidades dos outros para fazermos alardo de nosso discernimento, e não porque estejamos intimamente persuadidos de seu merito; assim que, pomos o ponto em grangear louvores ao passo que fingimos prodigál-os.

147.

De ordinario ninguem gosta de louvar outrem, e se o faz é por interesse. O louvor é uma lisonja fina, occulta, delicada, grata ao que a diz, como ao que a ouve, porém por diverso theor: este recebe-a como uma re-

compensa de seu merito, e aquelle diz lh'a, para fazer praça de sua equidade e discernimento.

148.

De ordinario levão comsigo nossos louvores certa peçonha, pondo patentes com elles certos defeitos das pessoas a quem os damos, que não ousariamos assoalhar se não forão assim temperados.

149.

As mais das vezes louvamos, para que tambem nos louvem.

150.

Raros são os que folgão mais com a censura que aproveita, do que com o louvor que damna.

151.

Censuras ha que equivalem a elogios; e elogios, que são vituperios.

152.

O que se agasta com o mais pequeno louvor, nem sempre o engeita por modestia; mas sim porque tem para si que de maiores é crédor.

153.

O louvor, que se nos dá, serve a fortalecernos na virtude, e os que tem por alvo o engenho, e belleza, nos inspirão o desejo de augmentál-os ainda mais.

154.

É mister mór firmeza para nos deixarmos governar por outrem, do que para governál-o.

155.

Se nós mesmo nos não lisongeassemos, nenhum damno nos poderião fazer as lisonjas d'outrem.

156.

Vem da natureza o merito, porém quem o faz ser conhecido, é a fortuna.

157.

As almas grandes não são as que tem menos paixões e mais virtudes, mas sim aquellas que tem o mais vasto descortino.

158.

Defeitos ha, contra os quaes não tem poder a razão, e de que só a boa ou má fortuna nos pode corregir.

159.

Ha homens de merito que nos inspirão aversão, e outros, que com muitos defeitos nos parecem agradaveis.

160.

Não faltão pessoas, cujo merito consiste somente em dizer e fazer loucuras, que redundão em bem, e que não farião senão males se levassem outro theor de vida.

161.

Hão-se os reis com os homens, como com a moeda; dão-lhe o valor que lhez apraz, e

somos obrigados a accitál-a conforme corre, e não segundo o que realmente vale.

162.

A gloria dos heroes deve ser aquilatada em conformidade dos meios, de que se hão servido para alcançál-a.

163.

Não basta que tenhamos grandes qualidades, é mister saber fazer uso dellas.

164.

Por mais extraordinaria que seja qualquer acção não a devemos qualificar de grande, senão depois de estarmos certos, que é a consequencia d'um projecto sublime.

165.

Deve haver certa harmonia entre nossas acções e nossos intentos, ou projectos; alias é impossivel que tiremos delles fructo.

166.

A arte de dar um certo realce a bem me-

diocres qualidades carêa as vontades de todos, e por vezes serve mais á nossa reputação, que o proprio merito.

167.

Ha certas acções e procedimentos que nos parecem ridiculos, não obstante serem os motivos dellas e delles razoaveis, e solidos.

168.

É mais facil parecermos dignos do posto que não temos, do que d'aquelle que occupâmos.

169.

Grangea-nos a estimação dos homens honrados o nosso merito; a do povo a nossa estrella.

170.

Costuma de ordinario o povo dar a recompensa devida ao merito, ás apparencias delle.

171.

Mais contraria é á boa economia a avareza, que a propria prodigalidade.

172.

Com ser tão enganosa, como é, a esperança tem comsigo um bem, e vem a ser; que nos leva ao cabo da vida por um caminho de rosas.

173.

Sendo que as mais das vezes nos encerramos no circulo de nossas obrigações por desidia, ou por timidez, lança o mundo essa nossa moderação á conta de nossa virtude.

174.

E por extremo difficil decidir, se esta ou aquella acção justa, honesta, e sincera, nasce da probidade, ou da dissimulação.

175.

Perdem-se no interesse as virtudes, como no mar os rios.

176.

Isso ao que o vulgo chama virtude não é de ordinario outra cousa mais, que uma

sombra vã, parto de nossas paixões, a que pomos um nome honesto para, ás abas d'elle fazermos, a nosso salvo, quanto nos cair em fantasia.

177.

Tão boa opinião temos de nós mesmos que appellidâmos virtude, não ao que realmente o é, mas sim áquillo que alguns visos tem della, como o são a maior parte dos vicios sendo disfarçados.

178.

Se meditarmos bem nos effeitos que em nós faz o enojo, ou aborrimento, acharemos que por causa delle faltâmos mais vezes ás nossas obrigações, que por motivos de interesse.

179.

Ha differentes especies de curiosidade: curiosidade de interesse, que nos esporea a informarmo-nos d'aquillo que nos pode ser

proveitoso, e curiosidade de orgulho nascida do mero desejo de saber o que outros ignorão.

180.

Val mais empregar as forças de nossa alma em supportar as desgraças que nos rodeão, do que em prever as que nos podem sobrechegar.

181.

Em materias de amor é a constancia uma serie de inconstancias, por meio das quaes nos vamos deixando successivamente cativar das diversas perfeições da pessoa amada, dando a preferencia hoje á uma, amanhã á outra; assim que, vem a ser esta constancia uma inconstancia circumscripta e encerrada no mesmo sujeito.

182.

Em amor ha duas especies de constancia; uma que nasce de encontrarmos cada dia na

pessoa amada novos motivos para a amar, outra que provem de termos tomado por ponto d'honra o ser constantes.

183.

Não merece a perseverança nem louvor, nem vituperio, sendo que não é mais que a continuação dos mesmos gostos, e sentimentos, cousa que não está em nosso poder fazer ou deixar de fazer.

184.

O que faz que appetecemos no cabo de algum tempo formar novos enlaces amorosos não é, nem o fastio dos antigos, nem o attractivo da novidade; mas sim o dissabor que experimentâmos de não sermos já invejados dos que nos conhecem, e a esperança de que o havemos de ser mais d'aquelles a quem somos desconhecidos.

185.

As vezes formâmos algumas leves queixas

de nossos amigos unicamente com o fito de justificar d'antemão nossa frouxidão, e inconstancia.

186.

Nosso arrependimento é menos um pezar do mal que havemos feito, que um temor do que nos póde sobrevir.

187.

Ha certa especie de inconstancia, que provem da leviandade ou fraqueza d'animo, e que faz que adoptemos as opiniões dos outros: ha outra mais digna de desculpa por ser occasionada pelo fastio, que nos causão os objectos.

188.

Entrão os vicios na composição das virtudes, como os venenos na de certos medicamentos: combina e calabrea-os a paciencia, e tempera-os por tal modo, que ao depois se tornão uteis nas molestias da vida.

189.

Devemos confessar em abono da virtude que as maiores infelicidades que sobrevem aos homens são aquellas, que lhes acarretão seus vicios.

190.

Os homens não vivirião muito tempo em estado de sociedade, se não houvessem entre elles burladas, e burlões.

191.

Ha crimes que se tornão impuniveis e até chegão a ser gloriosos por sua celebridade, numero, e sobegidão: daqui vem chamarmos grangearia ou agencia as malversações e dilapidações dos dinheiros do estado, e appellidarmos conquistador aquelle que se empossa injustamente de cidades e provincias inteiras.

192.

Confessâmos nossas faltas para remir com

nossa sinceridade a quebra de reputação em que ficamos no conceito das demais.

193.

Ha heroes no mal, como no bem.

194.

Não desprezâmos todos quantos têm vicios, mas tão somente aquelles nos quaes não descobrimos virtude alguma.

195.

Faz tanto para nossos interesses o nome da virtude como algumas vezes o vicio.

196.

A saúde do espirito está sujeita aos mesmos inconvenientes, que a do corpo; e ainda que pareçamos isentos de toda paixão, não corremos menos risco de nos deixarmos arrastar dellas, que de cairmos doentes estando em perfeita saúde.

197.

Parece que a natureza assignou a cada um,

logo em nascendo, certos limites para as virtudes e para os vicios.

198.

As grandes faltas são proprias dos grandes homens.

199.

Pode-se dizer que os vicios nos aguardão nas differentes quadras da vida, como outros tantos estalajadeiros, que nos devem successivamente hospedar, e hei grande medo que, apezar da experiencia, tornariamos a caïr nos mesmos vicios, se nos fora licito fazermos esse caminho duas vezes.

200.

Desampárão-nos os vicios, e nós imaginamos erradamente que fomos nós quem os despedimos.

201.

As doenças d'alma são sujeitas a recaïdas, como as do corpo. O que ameúde tomamos

por uma cura radical não é mais que uma intermittencia, e as vezes uma denteropathia.

202.

São os males d'alma, como as feridas profundas do corpo, as quaes, por mais bem pensadas que sejão, deixão sempre após si cicatrizes, e podem renovar-se por momentos.

203.

Cedo pomos em esquecimento nossos erros, quando só de nós outros são conhecidos.

204.

O que nos estorva de nos entregarmos de todo a um vicio é o termos muitos.

205.

Ha pessoas que não devemos accusar de ter obrado mal, senão depois de o termos visto, nenhuma porém de que o não possamos acreditar, em o vendo.

206.

Exaltâmos a gloria d'uns, para abaixar a d'outros, e occasiões ha que não dariamos tantos louvores a este, se não posessemos o fito em censurar aquelle.

207.

O extremo desejo, que temos de que nos tomem por habeis, tolhe que o sejamos.

208.

Não se adiantaria tanto a virtude, se não fosse esporeada pela vaidade.

209.

Engana-se quem cuida ter bastante de sua propria colheita para não necessitar de ninguem, e ainda mais se engana aquelle que se persuade que ninguem ha que d'elle necessite.

210.

As pompas funebres fazem mais para a vaidade dos que estão em vida, do que

para a memoria dos que já della passárão.

211.

Os fingidos homens de bem são aquelles que encobrem seus defeitos, e quebras aos outros, e a si mesmos: os verdadeiros os que reconhecem seus erros, e os confessão.

212.

A gravidade das mulheres é um enfeite, um arrebique, que lhes realça a belleza.

213.

Nellas as mais das vezes a honestidade consiste no desvelo que tem de sua reputação e descanço.

214.

É a todas as luzes um homem honesto aquelle que não se arreceia que o vejão a todo o instante quanstos o são.

215.

Acompanaha-nos a doudice nos diversos periodos da vida. Se este ou essoutro homem

nos parece cordato nao é porque não tenha sua veia de doudo, mas sim porque suas doudices se ajustão com sua idade, e teres.

216.

Simplorios ha, que não obstante saberem que o são, tirão todo o proveito, que dar-se póde, de suas simplicidades.

217.

Quem vive sem fazer alguma doudice tem menos siso, do que parece.

218.

Com os progressos da idade tornamo-nos mais doudos, e tambem mais cordatos.

219.

Pessoas ha que se podem comparar com as seguidilhas, que não se cantão, senão em certos tempos do anno.

220.

A maior parte da gente julga dos homens

pela aceitação, que têm, ou por suas riquezas.

221.

A pezar da incerteza e variedade, que neste mundo reina, observâmos nelle certo enlace secreto, certa ordem posta pela Providencia, a qual faz que cada cousa esteja em seu lugar segundo o fim para que foi destinada.

222.

O amor da gloria, o temor da infamia, o desejo de adiantar-nos em postos, de levar melhor vida, mais commoda e agradavel, e especialmente o desejo, que temos de nos avantajarmos aos outros são as mais das vezes causa desse valor, e intrepidez, que tanto os homens prezão.

223.

O valor nos soldados rasos é um officio perigoso, com que ganhão seu sustento.

224.

O abalisado valor, e o ultimo grão de covardia são dous extremos, onde os homens raras vezes chegão. Entre elles ha uma grande emposta, onde se encontrão diversas especies de valor tão differentes entre si, como entre os homens o são o genio e fisionomia. Ha valentes que no principio d'uma acção arremettem dos primeiros com o inimigo, e que ao depois affrouxão e descorçoão, por que a refrega dura mais, do que pensavão. Ha outros que se contentão de fazer estrictamente aquillo a que os obriga a honra, e nada mais. Estes não podem com animo igual encarar o perigo; aquelles deixão-se dominar d'um terror panico; aquell'outros carregão sobre o inimigo, porque não se atrevem a ficar com as mãos enfronhadas parados em seus lugares. A muitos anima e esforça o habito de perigos de mór vulto, e os dispõe a affrontar maiores. Alguns tem

medo das armas de fogo e não das espadas, e *vice versa*. Todas estas diversas especies de valor, é cousa sabida, que em chegando a noite, não são a mesma cousa, que de dia, tratando cada um de buscar algum lugar onde esteja menos exposto, e geralmente fallando todos gostão mais ou menos de poupar-se, e é certo que nenhum homem faz n'uma acção tudo quanto poderia fazer, se tivera a certesa de saïr della com vida: assim que, é evidente que o temor da morte detrahe uma boa parte do valor.

225.

O verdadeiro valor consiste em fazer, estando sós, quanto seriamos capazes de fazer na presença d'um grande numero de pessoas.

226.

A intrepidez é um esforço extraordinario d'alma, o qual a torna superior ás turvações e emoções diversas, que nella deve produzir

a imminencia do perigo. A ella devem os heroes o conservarem a serenidade e uso de suas faculdades no meio dos mais espantosos e horriveis contratempos.

227.

A hypocrisia é um tributo que o vicio rende á virtude.

228.

A maior parte dos homens não duvidão aventurar n'uma batalha a vida para remir a honra; porém poucos são os que se expõem a perdêl-a, quando assim cumpre para o bom exito da empreza, em que se embarcárão.

229.

A vaidade, a vergonha, e com especialidade o temperamento, e indole são a verdadeira origem do valor dos homens, e da virtude das mulheres

230.

Tememos perder a vida, e desejamos adquirir gloria; por conseguinte usão os valentes, para evitar a morte, de mais ardis que um demandista para conservar a fazenda, de que está de posse.

231.

Raras são as pessoas que nas primeiras inclinações não dêm indicio das falhas, que hão de ter com o progresso da idade no entendimento, ou no corpo.

232.

Agradâmos mais ao commum dos homens por nossos defeitos, que por nossas boas qualidades.

233.

Tal homem tem menos culpa de ser ingrato, do que aquelle que o beneficiou.

234.

A gratidão está na mesma paridade entre

os homens, que a probidade e lisura de trato entre os mercadores : ambas ellas são a base do commercio, e se de ordinario somos gratos, não o fazemos por isso que é justo que paguemos o que devemos , mas somente por que por este modo esperamos achar mais pessoas que nos obsequeiem , e fação algum serviço.

235.

Nem todos quantos cumprem com os deveres da gratidão, devem ser tidos em conta de agradecidos.

236.

Se de ordinario o agradecimento não é igual ao beneficio , ou pelo menos não no l'o parece, provèm isto de que tanto o que o faz, como o que o recebe, por soberba não estipulão d'antemão o preço.

237.

A pressa e extrema deligencia com que

tratamos quanto antes de nos desempenharmos de alguma obrigação, em que com alguem estamos, é uma especie de ingratidão.

238.

É mais facil pôr um homem limites á sua gratidão que a seus desejos, e esperanças.

239.

Não soffre a soberba ficar em divida com alguem, nem o amor proprio o pagál-as.

240.

Os beneficios que da mão d'alguem recebemos nos empenhão a levar com paciencia os males que d'ella nos vem.

241.

Não ha cousa mais contagiosa, que o exemplo; assim que, as boas ou más acções, que em publico fazemos são origem d'outras da mesma natureza. As primeiras imitão-se por emulação, e as segundas pela queda que naturalmente para o mal temos; estavamos

calados com ella por vergonha; porém com o exemplo animados quebramos as soltas.

242.

Não ha maior demencia, que cuidar um homem que só elle tem juizo.

243.

Seja qual for a côr, ou pretexto que damos a nossas afflicções, os verdadeiros motivos d'ellas são o interesse e a vaidade.

244.

Ha nas afflicções diversas especies de hypocrisia. N'uma á sombra de lastimarmos a perda d'uma pessoa que amavamos, lastimamo-nos a nós mesmos; lamentamos a falta do bem que possuiamos, a diminuição de nosso prazer, da consideração e boa opinião, que de nós tinha a pesso a fallecida, e por esta maneira lanção-se á conta dos mortos as lagrimas que se derramão por causa dos vivos. Chamo a isto hypocrisia, porque nestas

demonstrações de afflicção mentimos a nós mesmos. Ha ainda outra hypocrisia que não é tão innocente, como a precedente, porque nella mentimos a todo o mundo, e vem a ser a afflicção de certas pessoas, que aspirão á gloria de dar ao mundo exemplo d'uma illustre e perpetua dôr. Quando o tempo, que de tudo dá cabo, lhes apagou do coração o pezar, que realmente tinhão, obstinão-se todavia em suas lagrimas, lamentos, e ais, revestem-se d'um ar lugubre, e tratão de persuadir aos mais portudo quanto dizem, e fazem que sua dor tem te durar até á morte. Esta triste, e cançativa vaidade encontra-se vulgarmente nas mulheres de desmarcada ambição. Como o sexo, de que são, lhes cerra os diversos caminhos que guião á gloria, trabalhão por adquirir certa celebridade com estas mostras apparentes d'uma afflicção inconsolavel. Ha tambem lagrimas que nascem de fontes de mui pouco cabedal, por cujo

motivo com cedo estancão. Uns chorão afim de que os que os vêm os apiadem ; outros por adquirir a reputação de ternos, e compassivos ; estes pranteão, para serem pranteados; aquelles por se envergonharem de não imitar os outros.

245.

Na adversidade de nossos melhores amigos sempre encontrâmos alguma cousa, que não nos desagrada de todo em todo.

246.

Facilmente nos consolâmos das desgraças dos amigos, quando ellas nos dão occasião de assoalhar o grande affecto, que lhes temos.

247.

Parece por vezes que nosso amor proprio se deixa embair por nossa bondade, a tal ponto que em vez de trabalhar para si, fál-o em proveito d'outrem : e todavia obrando

assim, não faz mais que tomar o caminho que vai em direitura ao fim, que se propõe; finge que dá, e empresta á usura, e com tão subtil artificio deslumbra os olhos de todos.

248.

Quem não tem forças para ser máo, se é bom não, merece elogios; porque nesse caso a bondade vem a ser indolencia, e falta d'animo.

249.

Menos perigo ha em fazer mal aos homens, que em fazer-lhes sobejamente bem.

250.

Não ha cousa, que lisongêe tanto nosso amor proprio, como a familiaridade e confiança, com que nos tratão os grandes; porque a consideramos como uma consequencia de nosso proprio merito; não attentando que as mais das vezes isso provem da vaidade delles, ou da falta de posses, com que se sentem para guardar qualquer segredo.

251.

A graça considerada em abstracto, e prescindindo da belleza, é uma especie de symetria, cujas regras são desconhecidas, uma connexão intima das feições entre ellas, e em harmonia com a côr e ar da pessoa.

252.

O desejo de agradar aos homens é innato nas mulheres, porém nem todas o manifestão ás claras, umas por vergonha, outras porque lh'o não soffre a razão.

253.

Somos molestos aos outros, quando assentâmos que nunca os molestâmos.

254.

Bem longe estamos de conhecer todas as nossas vontades e appetites.

255.

Poucas cousas ha, que sejão de sua natureza impossiveis : para tudo ha caminho, e

se nos não fallecesse a vontade, achariamos sempre meios.

256.

A summa habilidade consiste em conhecer de raiz o preço, que as couss valem.

257.

Não ha maior habilidade, que o sabêl-a occultar.

258.

O que corre no mundo com o nome de generosidade não é effectivamente outra cousa mais, que uma ambição disfarçada, á cuja sombra engeitâmos os lucros menores na esperança de maiores

259.

A fidelidade de que a maior parte dos homens blasonão é uma mera invenção do amor proprio para captar a benevolencia, e confiança; um meio de nos avantajarmos aos outros, e fazermo-nos depositarios dos segredos de mór ponderação.

260.

Para ser senhora de tudo, tudo tem por pouco a magnanimidade.

261.

Não ha menos eloquencia no tom da voz, no modo de olhar, e no ar da pessoa, que falla, ou ora, do que na escolha que faz das palavras.

262.

A verdadeira eloquencia está em dizer o preciso, e nada mais.

263.

Ha pessoas em que certos defeitos assentão bem, e outras a quem as boas qualidades desairão.

264.

É tão vulgar o ver uma pessoa mudar de gosto, como extraordinario o vêl-a mudar de propensão e indole.

265.

Serve-se o interesse de todas as virtudes, como de todos os vicios.

266.

É as mais das vezes a humildade uma submissão simulada, de que nos valemos para cativar os outros; um estratagema do amor proprio, que se abaixa para ao depois se axaltar, e dado que de ordinario tome varias formas, nunca se acha mais disfarçado e mais em estado de embair-nos, do que quando se embuça no manto da humildade.

267.

Todos os diversos affectos tem um tom de voz, gestos, e fisionomia peculiar a cada um d'elles, e da impressão agradavel, ou desagradavel, que d'ahi resulta, nasce o gostarmos ou não de tal ou tal pessoa.

268.

Em todos os estados e profissões costumão

os que as exercitão affectar certas maneiras, e revestir-se d'um certo ar, para que os outros o tomem, não pelo que são, mas sim pelo querem ser; assim que, póde-se dizer que a sociedade é uma companhia de pantomimos.

269.

A gravidade do exterior é um rebuço, em que cobrimos o corpo com o fito especial de occultar os defeitos, e falhas do espirito.

270.

A lisonja é uma moeda falsa, que anda entre nós corrente, porque assim o quer nossa vaidade.

271.

O prazer do amor consiste em amar, e somos mais felizes pela paixão que temos, do que por aquella que inspiramos.

272.

A civilidade ou cortezania é um desejo de

ser tratado cortezmente, e tido em conta de homem bem criado.

273.

A educação, que vulgarmente se dá á mocidade, é um segundo amor proprio que se lhes inspira.

274.

Não ha paixão em que o amor proprio se mostre em todo o seu vigor e força como na do amor; por isso sentimo nos com mais posses, para pôr em aventura o descanço e paz do espirito da pessoa amada, que o nosso.

275.

Isso, a que vulgarmente se dá o nome de liberalidade, é meramente uma vaidade de dar; vaidade, que preferimos á cousa de que fazemos dom.

276.

A compaixão é um condoimento de nossos

proprios males postos na pessoa d'outrem, um habil descortino das adversidades, que nos podem sobrevir: acodimos aos outros para empenhál-os a acodir-nos em iguaes occurencias, e os beneficios, que então lhes fazemos, são, fallando sem rebuço, um serviço, que por anticipação a nós mesmos nos rendemos.

277.

Nasce da curteza de entendimento a obstinação; porque é natural nos custe acreditar em tudo quanto excede a alçada de nossa comprehensão.

278.

É engano persuadirmo-nos, que só as paixões violentas, como *verbi gratia* a ambição e o amor, é que podem sobrelevar as que são menos fortes. A perguiça, com ser a menos activa de todas acaba a final por reinar despoticamente; assenhorea-se de todos os nossos projectos e acções, inutilaza-os, e

chega insensivelmente a apagar em nós os de mais affectos, e a suffocar todas as sementes de virtude.

279.

A precipitação com que, sem exame previo, accreditamos o mal que d'outrem se diz é uma consequencia de nossa soberba ou de nossa perguiça: queremos achál-o réo, sem ter o trabalho de examinar se o é, ou não.

280.

Damos por suspeitos os juizes em cousas de pouco interesse, e não obstante, sujeitamos nossa reputação, e gloria ao juizo dos homens, sendo que pela maior parte nos são contrarios, uns por ciume, outros por preoccupação, e alguns por cegueira de entendimento, e para que semelhantes desembargadores sentencêem por nós, não duvidamos aventurar por mil maneiras o descanço, e a vida.

281.

Não ha homem por mais talento que tenha que possa saber quanto mal ha feito.

282.

A honra adquirida é fiadora da que havemos de adquirir.

283.

A idade juvenil é uma embriaguez nunca interrompida; é a febre da razão.

284.

Folgamos de aventar as tenções dos outros, porém não soffremos que ninguem avente as nossas.

285.

Homens ha tidos no mundo em grande aceitação, cujo unico merito consiste em ter todos aquelles vicios, que são necessarios no trato commum da vida.

286.

Enfadonha molestia é por certo o não

poder conservar a saúde, senão a poder de aturados resguardos.

287.

Todo o bom natural, que se preza de nimia sensibiladade, é abafado pelo menor lucro ou interesse.

288.

A ausencia extingue as paixões mediocres, e dá mór força ás grandes; pelo mesmo theor que o vento apaga a luz da véla, e faz arder em ala a fogueira.

289.

Cuidão sempre as mulheres que amão, quando mesmo tal não ha. O prazer d'uma correspondencia amorosa, o abalo que lhes causa n'alma as expressões namoradas do amante, a queda natural que tem para o prazer de serem cortejadas, o muito que lhes custa o resistir, taes são as razões porque o menor

galanteio se lhes antolha como uma paixão seria.

290.

Rara é a vez que os negociadores nos enchem as medidas, e a razão por que assim acontece é porque os taes tem por costume pôr de ré os interesses dos amigos, e tratarem unicamente da conclusão da negociação, em cujo successo interessão em razão da honra que lhes cabe.

291.

Quando encarecemos muito o grande affecto, que por nós tem nossos amigos é menos por encarecimento que o fazemos, que pelo desejo que temos de dar a conhecer aos outros nosso proprio merito.

292.

Os louvores, que damos aos que pela primeira vez se apresentão em publico nascem

da inveja , que solapadamente temos aos que são bem aceitos.

293.

O amor proprio, que é a fonte de toda inveja, nos obriga por vezes a moderál-a.

294.

Ha mentiras por tal modo disfarçadas em verdades que, para não julgál-as por taes seria mister não ter juizo.

295.

A's vezes não é mister menos prudencia para tirar todo o proveito d'um conselho, do que para a si mesmo aconselhar-se.

296.

Ha malvados que serião menos para temer, se não tivessem nenhuma qualidade boa.

297.

A magnanimidade não ha mister d'outra

definição, que seu proprio nome; todavia poderia intitular-se o senso commum do amor proprio, e o expediente mais nobre para grangear louvores.

298.

É impossivel que tornemos a amar uma vez que chegámos verdadeiramente a desamar.

299.

Não é a fecundidade de nosso talento que faz que deparêmos com muitos expedientes para ultimar um só negocio; pelo contrario, de sua esterilidade nasce o abraçarmos ora este, ora aquelle meio que nos suggere a imaginação, e o não atinarmos logo á primeira com o mais acertado.

300.

Com pouco é feliz o sabio, a o nescio nada o abasta: eis o porque a maior parte dos homens são desgraçados.

301.

Ha negocios, e enfermidades, que empeiorão em certas occasiões com os remedios; o primor d'arte está em saber quando é arriscado o empregál-os.

302.

A affectação de simplicidade é um engano artificioso e delicado.

303.

É mais sujeita a errar a vontade, que o entendimento.

304.

O merito dos homens tem sua vez, e sazão como as fructas.

305.

Nosso bom ou máo humor pode-se adequamente comparar com a maior parte dos edificios, os quaes tem varias faces; umas agradaveis, e outras ingratas.

306.

Não pode a moderação luctar com a ambição, nem leval-a de vencida, porque nunca com ella se encontra, nem se podem achar juntas. A moderação é a languidez e preguiça d'alma, e a ambição a actividade e desassocego.

307.

Gostamos quasi sempre dos que nos olhão com admiração, não assim d'aquelles, de quem nos admiramos.

308.

Difficil cousa é por certo amarmos aquelles a que não estimamos, e talvez muito mais o seja o amarmos aquelles que mais que a nós mesmos estimamos.

309.

Tem os humores de nosso corpo um curso ordinario, e regular, que imperceptivelmente nos move e dobra a vontade por tal

maneira que ella e elles seguem o mesmo rumo exercitando surdamente em nós sua influencia: por conseguinte grande deve de ser a d'elles em nossas acções, supposto, que nos não advirtamos.

310.

O reconhecimento da maior parte dos homens é um desejo tacito de receber maiores beneficios.

311.

Quasi todos nós gostamos de pagar as obrigações de pouca monta que a outras pessoas devemos; um grande numero se mostra agradecido ás mediocres; porém bem raros são os que não correspondem com ingratidão ás grandes.

312.

Ha loucuras que se pegão; como certas doenças contagiosas.

313.

Não falta quem faça pouco caso do dinheiro, mas raro é aquelle que o sabe dar.

314.

Nas cousas de pouca ponderação é que nos lembramos ordinariamente de não acreditar nas apparencias.

315.

Por muito bem que de nós digão, nunca dizem cousa que nos pareça relevante.

316.

Perdoamos de boamente áquelles que nos enfastião, mas nunca aos que se enfastião de nós.

317.

O interesse, á cuja conta se lanção todos os crimes, devera receber bem vezes os elogios que as nossas boas acções se dão.

318.

Em quanto nos achamos em estado de beneficiar, não deparamos com ingratos.

319.

Tão honesto é o gloriar-se um homem comsigo mesmo, como ridiculo o fazêl-o em presença d'outrem.

320.

Qualificamos de virtude a moderação a fim de conter em seus justos limites à ambição dos grandes homens, e para consolar ao mesmo tempo os mediocres de sua pouca ventura, e merito.

321.

Ha homens que nascêrão com sina de serem nescios: esse não so por seu proprio querer faz necedades, mas até é obrigado por sua estrella a fazél-as.

322.

Sobrevem ás vezes no curso da vida con-

tratempos taes que para contrastál-os é mister ter veia de doudo.

323.

Se ha homens em quem se não deo na balda, é por que não a buscárão bem.

324.

A razão por que os que se amão nunca se cancão de estar juntos, é porque podem fallar aturadamente de si mesmos.

325.

Por que fatalidade tendo nós bastante memoria para referir as menores particularidades de quanto nos tem acontecido carecemos da que seria mister para nos lembrar do numero de vezes, que o temos contado á mesma pessoa?

326.

O muito que folgamos de fallar de nós mesmos devêra fazer-nos entender o pouco que os outros folgarão de nos ouvir.

327.

O que nos tolhe as mais das vezes de nos abrirmos com nossos amigos não é tanto a pouca confiança que nelles pomos, como a muita desconfiança que de nós mesmos temos.

328.

Não pode o homem fraco ser sincero.

329.

Pequena desgraça é o ter beneficiado ingratos, porém é uma grandissima o dever algum beneficio a algum malvado.

330.

Dizem que ha remedios contra a loucura, pode ser, porém duvido muito que haja um, que seja assás efficaz para endireitar, e pôr a caminho um espirito esconso, e avesso a toda razão.

331.

Não conservariamos muito tempo os sen-

timentos que nos devem inspirar nossos amigos e bemfeitores, se nos acostumassemos a extender-nos longamente ácerca de seus defeitos.

332.

Louvar os principes pelas virtudes, de que carecem, é injuriál-os impunemente.

333.

Mais perto estamos de amar aquelles que nos tem odio do que aquelles que nos tem mais amor, do que queremos.

334.

Só os homens despreziveis com razão se devem arrecear de ser desprezados.

335.

Nossa prudencia, e bom comportamento estão á descrição da fortuna, como os nossos haveres.

336.

O ciume é mais um effeito do amor, que

por nós temos, que do que ao objecto amado guardamos.

337.

A's vezes nossa propria fraqueza nos consola dos infortunios, de que não pode com todas as suas forças consolar-nos a razão.

338.

O ser ridiculo deshonra-nos mais, que a propria deshonra.

339.

Assoalhamos nossos defeitos quando são de pouca gravidade, para darmos a entender que não temos outros.

340.

Folgamos mais de ver as pessoas a quem beneficiamos, do que aquellas que nos beneficiárão.

341.

Mais irreconciliavel é a inveja, que o odio.

342.

Parece-nos ás vezes que detestamos a lisonja; mas é engano; o que detestamos é o modo por que no l'a dão.

343.

Tudo perdoamos em quanto amamos.

344.

É mais facil ser fiel á sua amada o desdenhado, que o favorecido.

345.

A grande severidade das mulheres é sempre acompanhada de certa antipathia.

346.

Não sabem commummente as mulheres até onde as pode levar o desejo de agradar.

347.

Com menos custos suffocão ellas este desejo que uma verdadeira paixão.

348.

Mais progressos faz em materias d'amor o engano, que a desconfiança.

349.

O amor em sendo extremo não admitte zelos.

350.

As boas qualidades são a certos respeitos comparaveis com o sentidos : delles e dellas só pode ter idea quem os tem.

351.

O odio em sendo extremo nos torna inferiores áquelles a quem o temos.

352.

A impressão de prazer, ou de desprazer, que em nós produz o bem e o mal, é maior ou menor em proporção de nosso amor proprio.

353.

O talento na maior parte das mulheres em

vez de fortalecer-lhes a razão, augmenta-lhes a loucura.

354.

Tão contrarias são á nossa salvação as paixões da mocidade, como a tibieza, e frouxidão da velhice.

355.

Mora-nos sempre n'alma e no coração, como na linguagem o accento patrio.

356.

Grande é aquelle homem que sabe tirar todo o proveito de sua boa fortuna.

357.

A maior parte dos homens tem, como as plantas, certas propriedades, e virtudes occultas, cuja descoberta é um effeito do accaso.

358.

As occasiões dão-nos a conhecer aos outros e até a nós mesmos.

359.

Não ha lei nem regra no entendimento e vontade das mulheres, quando a isso se oppõe o temperamento.

360.

Não achamos que tem juizo, senão os que são de nosso parecer.

361.

Quando deveras amamos até daquillo de que estamos mais certos duvidamos.

362.

O maior milagre, que pode fazer o amor, é corregir uma mulher do vicio de namorar.

363.

Agastamo-nos com aquelles, que nos prégão algum opio, por isso que querem campar por mais avisados, que nós.

364.

Pouco nos custa romper com alguem, quando já lhe não temos amizade.

365.

Dá-nos quasi sempre enfado a companhia d'aquellas pessoas, diante das quaes não devemos mostrál-o.

366.

Pode um homem de bem amar loucamente, mas nesciamente não.

367.

Defeitos ha, que sendo bem regrados, tem mór brilho, que a propria virtude,

968.

Ha pessoas, cuja morte nos causa mais saudade, que afflicção, e outras com que succede o contrario.

369.

Não applaudimos do coração senão aos que de nossos talentos se maravilhão.

370.

As almas pequenas se escandalizão por pequenas cousas, as grandes nem com as grandes se agastão.

371.

A humildade é a pedra de toque das virtudes christãs: em nos ella faltando conservamos quantos defeitos temos; rebuça-os o amor proprio e os encobre a nossos olhos, e aos dos outros.

372.

Nasce bem vezes a justiça do receio que temos se não aposse outrem do que é nosso: d'ahi vem a consideração e respeito com que nos guardamos de tomar o alheio, ou de lhe fazer o menor prejuizo; este receio faz que nos contentemos com os bens que nos deo o acaso ou o nascimento, e se elle não fôra, de continuo invadiriamos as terras d'outrem.

373.

Desapprovamos a injustiça, não porque lhe tenhamos aversão, mas sim pelo temor dos damnos que ella nos pode causar.

374.

A moderação, e a sobriedade ambas são filhas do temor: desejariamos comer mais, porém não ousamos fazêl-o com medo d'alguma indigestão.

375.

A moderação na prosperidade é de ordinario o receio que temos da vergonha que succede a um accesso de colera ou o temor de virmos um dia a perder a prosperidade de que gozamos.

376.

Imputamos de ordinario aos outros os defeitos que temos.

377.

É quasi uma felicidade o saber até que ponto pode chegar nossa infelicidade.

378.

Nunca se emendão os ditosos; cuidão que tem sempre razão, por isso que a fortuna approva seus desatinos.

379.

Os encantos da novidade estão na mesma razão em materias d'amor como as flores com os fructos; brilhão muito e durão pouco.

380.

A maior parte dos mancebos assentão que são ingenuos, e naturaes, não se advertindo que são unicamente rusticos, e pouco polidos.

381.

Quando impugnamos obstinadamente as opiniões acreditadas, quem a isso nos impelle é ou a falta de instrucção ou o dema-

siado amor proprio: como achamos os primeiros lugares occupados, desdenhamos os ultimos.

382.

Talvez dependa o bom gosto mais do discernimento, que do talento.

383.

De nada se deverão com mais razão envergonhar os homens, que grangearão grandes louvores; do que de se cançarem ainda por merecêl-os com acções de vulgar interesse.

384.

As infidelidades deverião extinguir o amor; e quando temos justificados motivos de ciume não deveriamos concebêl-o; porque só as pessoas, que fazem por no-los não dar, merecem que dellas os tenhamos.

385.

Mais se desacredita qualquer pessoa com-

nosco pela menor infidelidade, que nos fez do que por muito maiores, que a outrem tenha feito.

386.

Nascem os zelos juntamente com o amor, porém nem sempre com elle morrem.

387.

A maior parte das mulheres não lastimão tanto a morte de seus amantes pelo grande amor, que lhe tinhão, como pelo grande desejo que tem de serem reputadas por dignas de serem amadas.

388.

A violencia que se nos faz causa-nos menos pezar, que a que a nós mesmos fazemos.

289.

Todos sabemos que raramente devemos fallar de nossas mulheres, porém nunca acabamos de crer que muito menos o deveriamos fazer de nossa propria pessoa.

390.

Ha muitas qualidades boas, que com serem naturaes degenerão em defeitos, e outras que para serem perfeitas cumpre que tenhão sido adquiridas. É mister por exemplo que a razão nos ensine a poupar o que temos, e a não pôr nossa confiança indistinctamente em toda a gente, e pelo contrario releva mais que muito que a bondade, e o valor sejão dons da natureza.

391.

Posto que de ordinario pouco ou nenhum fundamento façamos na sinceridade dos que comnosco praticão, sempre temos para nós que elles nos dizem a nós a verdade muito melhor, que aos outros.

392.

As mulheres honradas são como os thesouros escondidos, os quaes só depois de achados correm perigo.

393.

Poucas são as mulheres honradas que se não canção de o ser.

394.

A violencia que a nós mesmos fazemos para nos não deixarmos cativar do amor é ás vezes mais cruel, que os rigores da pessoa que amamos.

395.

Poucos são os covardes que saibão de raiz a quanto pode chegar sua covardia.

396.

Quasi sempre é por culpa sua que o amante ignora quando deixou de ser amado.

397.

Ha lagrimas que enganão os outros, e acabão por enganar-nos a nós mesmos.

398.

Arreceamo-nos sempre de nos achar na

presença da pessoa que amamos, quando vimos de cortejar outra.

399.

Devemos consolar-nos de nossas faltas, quando temos tido animo para confessál-as.

400.

A verdadeira amizade affugenta a inveja, como o verdadeiro amor a inconstancia, e desejo de agradar a outrem.

401.

Tem a nimia penetração um inconveniente, e vem a ser; que em vez de ir ferir no ponto, passa-o em salvo.

402.

Pode-se dar um bom conselho, mas não uma boa conduta.

403.

Decrescem os nossos prazeres, e gostos á medida que nosso merito vai descahindo.

404.

Põe a fortuna patentes nossas virtudes e vicios, como a luz os diversos objectos, que nos rodeão.

405.

É par de infidelidade a violencia que se faz para conservar a fidelidade.

406.

Nossas acções são como os consoantes obrigados; cada qual os applica ao que lhe cae em fantasia.

407.

No desejo de fallar de nós mesmos, e de dar a conhecer alguns de nossos mais leves defeitos, consiste de ordinario toda a nossa sinceridade.

408.

Não deveriamos maravilhar-nos senão de que ainda nos maravilhâmos.

409.

Quasi que tão difficeis somos de contentar, quando temos muito amor, como quando mui pouco temos.

410.

As pessoas que raramente tem razão são de ordinario as que soffrem mal que lh'a neguem.

411.

Um nescio não dá mangas para fazerem d'elle um homem virtuoso.

412.

Se a vaidade não derriba por terra o edificio das virtudes, pelo menos deixa-o bem abalado.

413.

Não nos seria tão molesta a vaidade alheia se ella não offendesse directamente a nossa.

414.

De melhor vontade fazemos sacrificio de nossos interesses, que de nossos gostos.

415.

A ninguem se affigura mais céga a fortuna, do que áquelle a quem ella negou sempre os seus favores.

416.

Convem que nos hajamos com a fortuna, como com a saúde; que della gozemos, quando boa, e a levemos com paciencia, quando má, não usando de remedios violentos, senão nos casos de extrema necessidade.

417.

Pode o villão perder o ar desazado na milicia, mas não na côrte.

418.

Pode um homem ser mais avisado, que outrem; mas não que todos.

419.

Somos mais sensiveis ao desengano, que ao engano da parte de quem amamos.

420.

Reina sempre no coração o amor primeiro, em quanto um novo amor o não desterra.

421.

Não ousamos dizer em publico que não temos defeitos, nem que nossos inimigos não possuem algumas qualidades boas, mas em particular não estamos muito longe de acreditál-o.

422.

De todos os nossos defeitos o de que de melhor vontade nos accusamos é do da preguiça, porque assentamos comnosco que este vicio tem algum parentesco com todas as virtudes, cujo exercicio interrompe momentaneamente, sem de todo as extinguir.

423.

Ha uma especie de elevação que não depende da fortuna; e vem a ser certo ar de nobreza, que nos estrema dos outros, e parece destinar-nos para grandes cousas; é um preço em que imperceptivelmente nos pomos: por esta qualidade obrigamos os outros a nos respeitarem, e avantajamo-nos a elles, muito mais do que o poderiamos fazer pelo nascimento, dignidades, e até por nosso proprio merito.

424.

Pode haver merito sem elevação; porém toda a elevação presuppõe um certo merito.

425.

O que no galanteio unicamente falta é o amor.

426.

Ajuda-se ás vezes a fortuna de nossos proprios defeitos para elevar-nos, e ha pes-

soas importunas, que serião mal recompensadas, se não folgassemos de comprar com algum sacrificio a sua ausencia.

427.

Entre o merito e a elevação existe a mesma correspondencia que entre os enfeites, e a belleza.

428.

Parece que a natureza escondeo em nosso interior certos talentos que nós mesmos ignorâmos : põem-nos em evidencia as paixões, e levão-nos ás vezes a tal ponto de perfeição, que a arte lhes fica muito áquem.

429.

Entrâmos noveis nos diversos periodos da vida, e no cabo de muitos annos saïmos sem nenhuma experiencia.

430.

As coquetas fingem-se por extremo zelosas

dos amantes para occultarem a inveja que ás outras mulheres tem.

431.

Aquelles que caem em nossos laços nunca nos parecem tão ridiculos, como em nosso conceito somos, quando caïmos nos de outrem.

432.

O homem entrado em annos, que foi em moço amavel, torna-se sobremaneira ridiculo, quando se esquece de que já o não é.

434.

Talvez que nos envergonhassemos de nossas melhores acções, se outros podessem atinar com os motivos dellas.

435.

A maior prova d'amizade não consiste em descobrir a nossos amigos nossas faltas, mas sim em estranhar-lhes as suas.

436.

Poucos defeitos ha que não sejão mais desculpaveis, que os meios que ás vezes empregamos para occultál-os.

437.

Por mais vergonhoso que tenha sido o nosso modo de proceder, está sempre em nossas mãos o restabelecer a nossa reputação.

438.

Cedo enfastiamos, quando não possuimos, senão um genero de talento.

439.

Os loucos, e os nescios julgão das cousas segundo o humor de que estão.

440.

A vivacidade que vai em augmento com a velhice quasi que frisa com a loucura.

441.

Impelle-nos por vezes o talento a fazer desatinos.

442.

Da doença do amor o que primeiro sára é o que menos exposto fica a recaïdas.

443.

Toda a mulher que não quizer ser tida por coqueta, e todo o homem idoso que não quizer passar por ridiculo, devem abster-se de fallar d'amor, como d'uma cousa que nada tem de ver com elles.

444.

Podemos parecer grandes n'um posto inferior a nosso merito, porém parecemos sempre pequenos em todo aquelle que é superior a nossas forças.

445.

Acontece muitas vezes nas desgraças, que tomamos o abatimento em que ellas nos lanção por constancia; supportâmol-as sem ter animo para encarál-as, pelo mesmo theor

que os covardes se deixão tirar a vida com medo de a defenderem.

446.

A confiança dá mor sabor ás praticas, que a discrição.

447.

Todas as paixões nos fazem caïr em faltas, porém as mais ridiculas de todas são aquellas em que nos precipita o amor.

448.

Raro é o homem que sabe ser velho.

449.

Fazemos gala de defeitos diametralmente oppostos áquelles que realmente temos; e quando somos fracos asseveramos que somos obstinados.

450.

A penetração ou perspicacia tem uns longes

do dom de profecia, e por isso lisongea mais o nosso amor proprio, que todas as de mais qualidades de nosso espirito.

451.

A novidade, e o longo habito, com serem cousas tão encontradas, nos estorvão pelo mesmo theor de conhecer os defeitos de nossos amigos.

452.

A maior parte dos amigos que vemos fazem que tomemos aversão á amizade, como os devotos á devoção.

453.

De boamente perdoamos a nossos amigos aquelles defeitos que não nos podem causar detrimento.

454.

Com mais facilidade perdoão as mulheres

as grandes indiscrições, do que as pequenas infidelidades.

455.

Na velhice do amor, bem como na da idade, vivemos para a dôr, quando já não existimos para o prazer.

456.

Quanto mais trabalhamos por ter um ar natural, tanto menos o parecemos.

457.

Louvar do coração as bellas acções é quasi o mesmo que ter parte nellas.

458.

O indicativo mais evidente de ter um homem nascido com optimas qualidades é o ser-lhe desconhecida a inveja.

459.

Quando nossos amigos hão abusado de

nossa credulidade devemos ouvir com indiferença suas protestações d'amizade, porém isso não tolhe que sejamos sensiveis a suas desgraças.

460.

Capricho e fortuna, eis o governo do mundo.

461.

É cousa facillima o conhecer o homem em geral; não assim em particular.

462.

Não devemos julgar do merito d'um homem pelas boas qualidades, que tem, mas sim pelo uso que dellas faz.

463.

É tão vivo, tão expressivo ás vezes o agradecimento, que não só nos damos por bem pagos do beneficio que a outrem fizemos, mas ainda lhe ficamos em divida.

464.

Rara seria a cousa, que com ardor cobiçassemos, se a conhecessemos a fundamento.

465.

A razão porque a maior parte das mulheres são pouco sensiveis á amizade, é por que parece insipida para quem provou das doçuras do amor.

466.

Em amizade e amor maior prazer nos vem do que ignoramos, que do que sabemos.

467.

Fazemos ordinariamente timbre de certos defeitos, por isso que em nosso peito assentamos de não nos emendar.

468.

Os velhos loucos são muito mais loucos, que os moços.

469.

A fraqueza d'animo é mais contraria á virtude, que os mesmos vicios.

470.

As paixões mais violentas dão-nos alguns momentos de folga ; mas não a vaidade, a qual a fio nos atormenta.

471.

As dores que nos causa a vergonha, e o ciume são tão agudas, e intoleraveis, porque nesses casos não costuma a vaidade ajudar-nos a supportál-as.

472.

É o decoro a lei mais simples, como a mais bem observada.

473.

É mais facil sujeitar-se um homem sisudo ao querer dos desajuizados, do que governál-os.

474,

Quando a fortuna, tomando-nos de sobresalto, nos eleva ao cume da grandeza sem nos fazer passar pelos degráos della, ou sem que a tanto tenhamos aspirado, é raro nos possamos conservar nem parecer dignos do posto que occupamos.

475.

Engrossa-se nosso amor proprio com quanto dos outros defeitos, que temos, de trahimos.

476.

Não ha nescio mais insupportavel, que o que tem algum saber.

477.

Não ha homem que em qualquer de suas

prendas ou qualidades se tenha por inferior á quelle, de quem faz o maior conceito.

478.

Nos negocios de ponderação devemos pôr todo o nosso estudo não em fazer com que se appresentem occasiões, mas sim em tirar proveito das que se appresentão.

479.

Em qualquer occasião que seja quer-me parecer que ficariamos de melhor condição se renunciassemos ao bem, que de nós se diz, com tanto qne tambem ningem dissesse mal.

480.

Por mais injusto que seja o vulgo em seus juizos; mai vezes perdoa ao falso merito do que condemna o verdadeiro.

481.

Pode-se ser nescio com talento, mas com juizo não.

842.

Lucrariamos mais mostrando-nos quaes somos, do que cançando-nos por parecermos outros.

483.

Nossos inimigos estão mais perto da verdade, que nós, no conceito, que de nosso merito fazem.

484.

Ha diversos remedios para o amor, porém nenhum ha que seja infallivel.

485.

Bem longe estamos de saber a que extremos nos pode arrastar uma paixão.

486.

O mesmo amor proprio mal entendido,

que nos impelle a estranhar nos outros os defeitos de que nos suppomos isentos, faz que desdenhemos das boas qualidades que não possuimos.

487.

Na primeira paixão amão as mulheres os amantes; nas subsequentes somente os prazeres do amor.

488.

O amor proprio tem, como as outras paixões, seus caprichos. Temos pejo de confessar que ardemos em zelos, ao passo que nos gloriamos de os termos tido, e de sermos susceptiveis d'elles.

489.

É mui raro o verdadeiro amor, e muito mais ainda a verdadeira amizade.

490.

Raras são as mulheres, cujo merito sobreviva á belleza.

591.

Contamos aos outros nossas magoas, porque desejamos nos apiadem, e se admirem de nossa constancia.

492.

A inveja, que aos outros temos, sobrevive ás vezes á ventura d'aquelles, que forão o alvo della.

493.

A fortaleza, que tanto presta para resistir ao amor, contribue tambem a dar-lhe mais violencia e duração. Assim as pessoas fracas, a quem quaesquer paixões perturbão, quasi nunca chegão a serem inteiramente dominadas dellas.

494.

As pessoas d'um caracter firme são tambem as que tem mais doçura; as d'um caracter fraco de ordinario tornão-se a final rabugentas.

495.

É a timidez um defeito para cuja emenda se requer summa prudencia.

496.

A verdadeira bondade é cousa sobremaneira rara. Os que se prezão de ser bons, são, quando muito, condescendentes, senão fracos.

497.

Affeiçoa-se nosso espirito por indolencia, e ás vezes por constancia ao que é mais facil. ou mais agradavel; este habito empece ao

progresso de nossa instrucção, e não creio que pessoa alguma até aqui tenha tratado de alargar de todo a redea a seu intendimento, e a conduzil-o até onde elle pode chegar.

498.

De ordinario somos maldizentes mais por vaidade que por malicia.

499.

Quando o coração está ainda alterado por effeito d'uma paixão mais disposto se acha a perturbar-se com outra qualquer, do que quando está de todo serenado.

500.

Os que forão sujeitos a grandes paixões reputão-se para sempre felizes ou infelizes por haverem sarado d'ellas.

501.

Encontrão-se muito mais pessoas despidas de interesse, que isentas de inveja.

502.

Temos mais perguiça no espirito, do que no corpo.

503.

Entre todas aspaixões a menos conhecida é a da perguiça: nenhuma ha que seja mais activa, nem mais perversa que ella, posto que os damnos que faz fiquem occultos. Se ponderassemos maduramente nella, e em sua influencia conheceriamos que ha occasiões em que ella impera em todos os nossos pensamentos, prazeres, e interesses. É a rémora que faz parar as mais alterosas náos, a calmaria mais fatal ainda que os baixos, e tormentas. O remanso da perguiça é um fei-

tiço d'alma, que a interrompe na carreira, e transtorna todas as resoluções

504.

A igualdade ou desigualdade de nosso humor não depende tanto do que nos acontece de mais serio durante o curso da vida, como de certa disposição ou successão agradavel de certas cousas de pouca monta que se passão quotidianamente.

505.

Com serem tão máos os homens envergonhão-se de declararem-se abertamente contra a virtude: assim quando a querem perseguir, imputão-lhe crimes, ou dão a entender que é falsa.

506.

Passamos com frequencia do amor á ambição, porém bem raras vezes desta ao amor.

507.

A avareza quasi sempre desacerta: não ha paixão que mais vezes se desvie de seu alvo, nem em quem o presente tenha mais poder do que o futuro.

508

Produz ordinariamente a avareza effeitos contrarios. Ha muitos que sacrificão quanto tem a esperanças por extremo duvidosas, e remotas, e outros que desestimão os maiores proveitos futuros por interesses presentes de mui pouca monta.

509.

Como se não tivessem bastantes defeitos tratão os homens de augmentar o numero delles, juntando certas qualidades singulares, com que muito folgão, e que com tanto esmero cultivão, que acabão de converter-se em

verdaderios defeitos, de que ao depois por mais que fação não se podem emendar.

510.

Não ha cousa que mais claramente nos mostre que os homens em geral conhecem seus erros muito melhor do que vulgarmente se acredita, como o estudo que elles pôem em justificar-se quando a respeito de seu procedimento fallão: o mesmo amor proprio, que de ordinario os céga, abre-lhes então os olhos, e lhes dá tamanha perspicacia que nada lhes escapa; assim que, passão em silencio, ou dão differente côr ás menores circonstancias que podem parecer condemnaveis.

511.

Val mais que os mancebos, ao apresentar-se pela primeira vez na sociedade, pareção timidos que estouvados; porque de ordina-

rio os que affectão um ar de sufficiencia dão cedo em insolentes.

512.

Com cêdo farião fim todas as disputas se a semrazão estivera só d'uma parte.

513.

Pouco aproveita a uma mulher ser moça, se não é formosa, nem o ser formosa, se não é moça.

514.

Ha pessoas, que por serem mui levianas e frivolas tão longe estão de ter verdadeiros defeitos, como de possuir qualquer qualidade solida.

515.

Os primeiros amores d'uma mulher não são de ordinario vulgarizados, senão quando ella se empenha em novos amores.

516.

Ha pessoas tão namoradas de si mesmo que até amando tem a industria de occuparem-se de sua paixão, prescindindo do objecto amado.

517.

Com ser o amor de si mesmo uma cousa tão aprazivel, agrada-nos todavia mais pelo modo com que se nos mostra, que pelo que em si mesmo é.

518.

Um homem de mediocre talento, e d'um juizo são, é menos enfandonho do que aquelle que tem mais talento, que juizo.

519.

É a inveja o peior dos males, e o de que menos se compadece a pessoa que o causa.

520.

Pois que temos fallado de falsidade de tantas virtudes apparentes é justo que não possemos em silencio o falso desprezo da morte. Tenho ouvido discorrer longamente a muitos sobre esse desprezo da morte, de que tanto blasonavão os antigos filosofos, não obstante estarem privados da esperança de melhor vida; porém mui differente cousa é soffrer com constancia a morte, ou desprezál-a: a primeira vê-se com frequencia, a segunda mui raramente, e quer-me parecer que nunca é sincera.

Tem-se dito quanto é possivel dizer-se para demonstrar que a morte não é um mal real; e um grande numero de homens fracos assim como de heroes, hão ideado mil exemplos, que fazem em favor desta opinião. Estou todavia persuadido que nenhum homem de siso jamais acreditou em tal, e o

muito que se cansão os que são desse parecer em o persuadir aos outros, e talvez a si mesmos, mostra evidentemente que não é cousa de tão pouco momento semelhante empresa. Podemos ter muitos motivos para anojarmo-nos da vida, mas nenhum para desprezar a morte. Os mesmos que por suas mãos voluntariamente a tomão, não a tem por cousa de pouco vulto, e temem-na, e a desvião de si, como qualquer outro, quando ella os vem buscar por um caminho differente d'aquelle de que tinhão feito eleição.

A desigualdade de valor, que se observa em um sem numero d'homens valerosos, provèm do differente modo por que se lhes pinta na imaginação a morte, mostrando-se-lhes umas vezes rebuçada, outras inteiramente nua : donde resulta que tendo-a alguns tido em pouco, porque a não conhecião, assustão-se quando a conhecem. Para que não reputassemos pelo maior de todos

os males a morte, seria mister que a não olhassemos por todos os lados. Os mais habeis ou os mais affoutos são os que se valem dos mais plausiveis pretextos para não encarar nella; mas todo aquelle que a conhece pelo que em si mesmo é acha-a medonha.

A constancia dos antigos filosofos era fundada na necessidade da morte. Assentavão que devião de ir espontaneamente para onde tinhão indispensavel e decretoriamente de ser levados; e como não podessem eternizar a vida, não havia cousa que não fizessem para eternizar seu nome, e salvar do olvido a unica cousa que lhes era dado salvar. Contentemo-nos pois para poder affrontar a morte com occultar, se é possivel, a nosso proprio entendimento tudo quanto a respeito della sabemos, e façamos mais alicerce em nosso proprio temperamento e forças, do que nos vãos raciocinios com que intentão persuadir-

nos que podemos olhál-a com indifferença.

A gloria de morrer com constancia, a esperança de que havemos de deixar saudades, o desejo de adquirir um nome eterno, e a certeza de nos vermos descativados das miserias da vida, e absolutos dos caprichos da fortuna, são remedios de que devemos fazer uso, não que os tenhamos por infalliveis. São-nos uteis como ás vezes o é na guerra a menor sebe, anteparando aquelles que se vão approximando da bataria. Os que estão longe desse abrigo imaginão que se podem encobrir com elle, mas em o vendo de perto mudão de opinião e entendem o para quão pouco presta. É mera lisonja nossa, e manifesto engano o suppormos que a morte nos ha de parecer de perto o mesmo que de longe, e que nossas forças, que nada mais são que meras fraquezas, serão tão de ferro que possão resistir ao mais rijo de todos os golpes.

Bem pouco conhecimento temos dos effeitos do amor proprio se imaginamos nos ha de elle ajudar a desestimar aquillo que a elle mesmo deve dar córte; a mesma razão em quem tanto fundamento fazemos, e que nos fornece em outras occasiões tantos expedientes, nestas nenhuma força tem para nos persuadir d'aquillo mesmo que no desejo se nos pinta; pelo contrario ella é a primeira a entregar-nos atraiçoadamente, e em vez de nos inspirar o desprezo da morte, no l'a patentea rodeada de todos os seus horrores, limitando-se tão somente a aconselhar-nos de desviar della os olhos, e pôl-os n'outro objecto. Catão e Bruto pozerão os seus n'um assás illustre. Um lacaio, ha alguns annos, poz-se a dançar no cadafalso em presença da roda que devia quebrar-lhe os ossos : assim que, dado que sejão differentes as causas, os effeitos que ellas produzem são iguaes, e não obstante a grande distancia que existe entre os

grandes homens, e o vulgo delles, uns e outros se tem visto receber com rosto igual o ultimo golpe, com a differença porém que os primeiros no desprezo que da morte fingem ter, desvião della os olhos para os pôr na gloria, a aos segundos tolhe-lhes a curteza de entendimento conhecer perfeitamente a grandeza do mal, e faz que tenhão a liberdade de pôr n'outro objecto o pensamento.

FIM.